

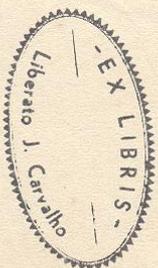
BIBLIOTECA BRASILEIRA DE FILOLOGIA — N.º 2

SERAFFIM DA SILVA NETO

Manual de Filologia Portuguesa

HISTÓRIA. PROBLEMAS. MÉTODOS.

2.ª edição melhorada e acrescentada.



LIVRARIA ACADÊMICA
R. Miguel Couto, 49 — RIO DE JANEIRO
1957

Apêndice ⁽¹⁾

ESTUDOS FILOLÓGICOS EM PORTUGAL

I — *O ambiente*

Durante o tempo em que viajei em Portugal (na verdade ainda pequeno para as ânsias da minha curiosidade), estive em contacto frequente com mestres e discípulos. Tão meticulosamente quanto me foi possível, visitei liceus e Faculdades, informando-me a respeito de todas as coisas que pudessem interessar ao Ensino.

Quis ver tudo, assistir a tudo, inclusive a aulas e a exames. Posso, pois, sem receio de errar muito, oferecer meu testemunho acerca do ensino de além-mar.

Inicialmente advertirei aos leitores que não existe lá o sistema de ginásios e colégios equiparados, com inspectores do governo. Os alunos podem estudar em qualquer parte, mas, no fim do ano, hão de prestar provas nos liceus officiais.

Esse sistema, além de proporcionar uma seleção mais rigorosa, confere uniformidade e solemnidade ao ensino, que assim se prestigia aos olhos dos docentes e discentes.

Pode verificar, aliás, que é excelente o moral dos estudantes portugueses, que têm na mais alta conta as actividades

(1) Reproduzo o meu Relatório ao Real Gabinete Português de Leitura (Rio), entregue em 1947.

do Espírito. Os bons alunos, os estudiosos e os brilhantes, são encarecidos com admiração e carinho.

O professor é pessoa muito respeitada, não só pelos discípulos (que se orgulham dos Mestres), como também pelos pais e, em geral, todas as pessoas. Ele é, sempre, com toda a consideração: "o senhor professor".

Não menos dignos de louvor são os prédios escolares, construídos com a moderna técnica, amplos e belos edifícios. A maioria deles surgiu nos últimos vinte anos, o que não quer dizer que os não houvesse bons e satisfatórios: por exemplo, o de "Passos Manoel", que é dos derradeiros anos da monarquia.

Para dar uma idéia aos leitores, direi que o Liceu de Castelo Branco (cidade do interior, mais ou menos comparável a Petrópolis) nada fica a dever ao Instituto de Educação do nosso Distrito Federal.

Em Portugal a escola fixa o aluno, pois ele passa nas suas dependências a maior parte do dia: além dos trabalhos propriamente escolares, há os desportos, as associações recreativas, e as bibliotecas. Estas últimas são muito bem organizadas e têm a dirigidas bibliotecários especializados, que orientam os alunos na escolha das leituras.

Algumas delas encerram, ainda, um fundo antigo. É o caso da do "Liceu de Passos Manoel", onde se descobriam, há tempos, um trabalho desconhecido de João de Barros (o das "Décadas"): uma contestação ao Talmud. [Tão importante obra já se publicou, graças à operosidade do Prof. I. S. Révah: *Diálogo evangélico sobre os artigos da Fé, contra o Talmud dos Judeus*, Lisboa, 1950].

Como natural consequência de tudo, é bastante bom o ensino secundário em Portugal, o que já pressupõe a possibilidade de um bom ensino superior.

Presentemente, há em Portugal duas Faculdades de Letras: a de Lisboa e a de Coimbra.

A de Lisboa, que é o antigo "Curso Superior de Letras", foi fundada pelo rei D. Pedro V, em 1859: fê-lo o culto monarca com o sacrifício do seu próprio bolso.

De facto, levando em conta as dificuldades que então assobalhavam Portugal, D. Pedro V contribuiu com a elevada quantia de 91.250.000 esudos.

A novel academia compunha-se a principio de quatro cadeiras: "Historia, Literatura Antiga, Literatura Moderna, Filosofia da Historia".

Para a primeira foi convidado Alexandre Herculano, de quem o rei era amigo, mas o solitário de Val-de-Lobos não quis aceitar. Foi substituído por Luis Augusto Rebelo da Silva. Para a segunda foi nomeado António José Viale. A terceira, destinada a António Feliciano de Castilho, foi provida, com a desistência dele, por António Pedro Lopes de Mendonça, que, atingido por mal inenarrável, não chegou a exercer a cátedra (1).

Só aos 14 de Janeiro de 1861, às seis horas da tarde, tiveram início os trabalhos do "Curso", com a aula inaugural, dada com brilho e segurança pelo Prof. Rebelo da Silva.

Por essa época ainda não se haviam introduzido em Portugal os novos métodos do estudo das línguas criado por Bopp e por Diez. Esse papel de relevante importância histórica estava reservado a Francisco Adolfo Coelho, que, em 1868, no seu opúsculo "A Língua Portuguesa", inaugurava nova época.

Não é de estranhar, portanto, que só em 1878 se criassem as cadeiras de "Língua e Literatura Sânscrita e Filologia

(1) A respeito de tudo o que se refere ao Curso Superior de Letras, ver a memória de Adolfo Coelho, *Le Cours Supérieur de Lettres*, Paris, 1900.

Comparada" a cargo, respectivamente, de Guilherme Vasconcelos Abreu e Francisco Adolfo Coelho.

Assim se foi firmando o ambiente propício aos novos métodos linguísticos, e se tornou possível o aparecimento de um grupo de estudiosos do melhor quilate: Epiifânio Dias, que, aliás, já estudou em 1861 e 1862, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Cortesão, Gonçalves Viana e outros que, com tanto brilho e proveito, honraram as letras filológicas em Portugal.

Por decreto de 17 de Agosto de 1914 criou-se, já então na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a cadeira de Árabe. Para regê-la foi nomeado, com aplauso geral, o grande especialista David Lopes.

Também José Leite de Vasconcelos honrou as cátedras de Língua e Literatura Latinas (1911-1914), Filologia Românica (1913 e 1918-1919; 1920-1921) e Filologia Portuguesa (1922 em diante).

José Joaquim Nunes já ingressou em 1914 como prof. de Filologia Clássica e chegou até a ser Director da Faculdade. O grande sintactista e filólogo clássico Augusto Epiifânio da Silva Dias foi nomeado em 1911 para reger a cadeira de Grego.

São, como se vê, do mais alto quilate as tradições da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por cujas cátedras passaram alguns dos maiores representantes da Filologia Portuguesa.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra surge com a República. Deve-se, principalmente, aos esforços de Mendes dos Remedios e António de Vasconcelos.

Integrou-se, desde logo, na formosa tradição coimbrense e nada ficou a dever à sua irmã de Lisboa.

No que toca aos nossos estudos, lá ensinou, desde 1912, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Hoje, na especialidade que nos ocupa, a Faculdade de Letras conta com quatro eminentíssimos Professores: Francisco da Luz Rebelo Gonçalves (Filologia Latina), Manuel de Paiva Boléo (Filologia Portuguesa), Alvaro Júlio da Costa Pimpão (Literatura Portuguesa), Joseph M. Piel (Gramática Comparada das Línguas Românicas).

Confesso que vim encantado com a formosa cidade do Mondego. Não encontro palavras com que exprimir a minha admiração pelo esplêndido espirito de Coimbra. É um formoso centro de estudos, onde as coisas da inteligência florescem num clima de sincera colaboração e num ambiente verdadeiramente propício às mais altas investigações.

Nas Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra os alumnos são obrigados a fazer, durante o Curso, vários trabalhos escritos. Assim se habitua à pesquisa e à frequência das bibliotecas em busca dos grandes autores.

Não ficam presos às lições dos Mestres, mas estão em contacto permanente com os tratadistas nacionais e estrangeiros. Infelizmente, nem todas essas pesquisas se publicam.

Para ver-se como algumas apresentam, realmente, méritos não vulgares, bastará citar a de Maria do Céu Novais Faria, *Passagem de nomes de pessoas a nomes comuns em português*, Coimbra, 1943 (impressa).

Mas não é só. Uma das provas indispensáveis à licenciatura é a defesa de tese, elaborada com a assistência do Professor.

Isso faz com que se ventilem, continuamente, assuntos vários de Filologia Portuguesa.

Para só dar poucos exemplos, citaremos algumas teses apresentadas à Faculdade de Letras de Lisboa:

Maria Noémia Porto — *O falar algarvio*, 115 págs.

Maria José Serpa — *José Joaquim Nunes*, 75 págs.

Deolinda Bela de Macedo — *Subsídios para o estudo do maderense*, 100 págs.

Maria de Lourdes de Sá Nogueira — *As correntes da prosa medieval portuguesa*, 30 págs.

A. A. Machado de Vilhena — *Aulegrafia* (texto crítico), 400 pág.

Luiza Próspero dos Santos — *Subsídios para o estudo das poesias de Fernão Gonçalves de Seabra*, 100 págs.

Palmaira Alexandre Matens — *Subsídios para um estudo da Crónica da Conquista do Algarve*, 85 págs.

Eis algumas das teses apresentadas à Faculdade de Letras de Coimbra:

Manuel de Araújo — *O Livro de Montaria de D. João I*. Glossário e Comentário filológico, 380 págs.

Ausenda de Carvalho Caetano — *A linguagem infantil portuguesa*, 108 págs.

Olívio da Costa Carvalho — *Elementos para um Glossário da Linguagem de Pesca*. Monografia dos linguajaras das praias de Leirosa e de Costa de Lavros, 204 págs.

Maria de Lourdes Oliveira Monteiro — *Porto-Santo*. Notas linguísticas, etnográficas e folclóricas, 225 págs.

Maria Margarida Furtado Martins — *A Oliveira* (Estudo etnográfico-linguístico), 140 págs.

Maria da Conceição Gonçalves da Fonseca — *Formulas de tratamento em português nos séculos XVII e XVIII*, 166 págs.

Maria Teresa de Mendonça Lino Neto — *A linguagem dos pescadores do Conselho de Vila do Conde*, 172 págs.

Mariana de Lourdes Salgueiro — *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias pertencentes ao Conselho de Aljô*, 117 págs.

Manuel de Sousa Trêpa — *Gil Vicente: O Juiz da Beira*. Subsídios para uma edição crítica e anotada de obra vicentina, 153 págs.

Maria Fernanda Duarte Vaz — *Subsídios para uma monografia linguística da freguesia de Viade*, 90 págs.

Sómente cito aquelas que vi e compulsei. É claro que nem todas têm o mesmo valor: mas o certo é que nenhuma deixa de encerrar farto e copioso material, cuja divulgação seria de inadmissível auxílio aos estudiosos.

Os Portugueses, do mesmo passo que mandam os seus mais valerosos elementos a estudar lá fora, procuram trazer às cátedras portuguesas os grandes nomes da Europa.

Em Lisboa fazia conferências o Prof. Marouzeau, fundador e administrador da Sociedade de Estudos Latinos, que publica uma conhecida Revista e é autor da *Stylistique Latine*, entre outras obras igualmente notáveis. Lá ensinava o Prof. romeno Herescu, autor de uma notável bibliografia da literatura latina.

Também em Lisboa está o grande romanista alemão Harri Meier, da escola de Hamburgo, discípulo do conhecido hispanólogo Fritz Krüger. Entre outras publicações escreveu *Beitrag zur sprachlichen Gliederung der Pyrenäenhalbinsel und ihrer historischen Begründung*, 1930.

Em Coimbra, é hoje Professor Max Leopold Wagner.

Wagner, que se caracteriza pelo entrosamento de todos os métodos, é, dentre os romanistas actuais, o que conhece maior número de línguas, pois além das românicas, do inglês e do alemão, é ainda competente arabista.

Seus trabalhos, nos quais não sabemos o que admirar mais: se a precisão do método, ou a riqueza do material, abarcam variados assuntos. Entre eles contam-se estudos magistrais acerca do espanhol americano comparado com o latim

vulgar, acerca do cação hispoeta, do espanhol dos Judeus expulso no século XV, da fonética histórica sarda, etc.

Quero, porém, chamar atenção muito especial para a sua obra mestra, escrita em 1921, intitulada *Das ländliche Lebens Sardiniens im Spiegel seiner Sprache*, 1921. É uma admirável pesquisa de campo, para onde Wagner faz convergir, com extraordinária virtuosidade, os métodos geográfico, das *Wörter und Sachen*, e o clássico método comparativo.

II — Os meios de estudo

Por meios de estudo entenderemos as bibliotecas, revistas especializadas e possibilidades editoriais. No que toca às primeiras,erei brevíssimo, pois são tantas, e tão ricas, que não haveria espaço bastante para convenientemente descrevê-las.

Sabe-se que é copiosa a literatura portuguesa medieval e quinhentista. Para só dar breve exemplo, nenhum país europeu pode orgulhar-se de possuir tão opulenta coleção como a dos códices alcobacenses, que hoje se guardam, amorosamente, na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Apesar de numerosos manuscritos medievais estarem fora de Portugal — como a *Demandada do Santo Graal* e o *Fabulario de Esopo* (Viena), o *Real Conselheiro* e a *Crónica de Guiné* (Paris), o *Júlio César* (Escorial), as *Cantigas de Santa Maria* (Escorial e Florença), o *Cancioneiro da Vaticana* — e certo é que ainda fica vastíssimo material guardado nos *Reservados* portugueses.

Assim é que na Biblioteca Nacional de Lisboa, além dos já citados códices alcobacenses, há o manuscrito do *Cancioneiro de Coloco-Brunetti*, adquirido ao governo da Itália no tempo em que o Dr. Cortesão dirigia a Biblioteca; há três dos seis incunábulo em língua portuguesa (a *Vita Christi* o *Vespertino* e os *Evangelhos e Epístolas*); há o famoso manuscrito

da *Crónica dos frades menores*; há o manuscrito do *Mestre Girardo*; os raríssimos exemplares de *Boasco delitoso* (1515), do *Espelho de Cristina* (1518); os exemplares únicos do *Flos Sanctorum* (1513), da *Gramática* de Fernão d'Oliveira (1536) e das *Constituições da Guarda* (1500); as folhas volantes, quinhentistas, dos autos de Chiado; o manuscrito da *Crónica dos Vicente*s; o preciosíssimo exemplar da ed. de Ferrara da *Meina e Moça*, entre centenas de outros cimélios.

Também o *Arquivo Nacional*, outrora chamado *Torre do Tombo*, encerra cimélios cujo conhecimento é indispensável ao filólogo: o *Livro de Linhagens* (mss.); manuscritos apócrifos de Fernão Lopes; alguns códices alcobacenses; o preciosíssimo códice do *Livro de Joseph de Armata*, entre mil outros cimélios.

Ainda em Lisboa está a riquíssima Biblioteca da Ajuda, onde se guarda o preciosíssimo *Cancioneiro*, estudado e publicado por D. Carolina Michaëlis, e tantíssimos outros cimélios, tais como a *História de Japam* do P.^o Luis Frois, em parte inédita; os sessenta e tantos volumes manuscritos das *Cartas Jesuíticas*; o preciosíssimo *Livro e Legêda que fala de todosos feytos e payçoes* (1513), além de innumeráveis documentos de interesse para a história do Brasil.

A Biblioteca de Évora não é menos rica. Lá se guardam o *Regimento contra a peste* de Kaminto, um dos dois exemplares conhecidos deste incunábulo; o exemplar único da terceira parte dos *Contos*, de Trancoso; o *Memorial de Pedrados*, de fr. António de Beja; o raríssimo *Confessionário* de Garcia de Resende; os *Ditos da Freira*; as preciosíssimas *Cartinhas* do bispo D. João Soares; os *Autos dos Apóstolos* (1505) — entre mil outras espécies de inestimável valor.

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra é outra maravilha. Nela não se sabe o que admirar mais: se a parte impressa, se a manuscrita. É sem parhallas em todo o mundo

a sua collecção de leis e de tratados relativos ao Direito. No que toca aos autores quinhentistas (objectivo principal das nossas pesquisas) lá existem o exemplar único das *Constituições de Leiria*; um dos dois exemplares do *Memorial das proezas da segunda távola redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos; o exemplar, talvez único, do *Livro dos remedios contra os sete peccados mortais* (1543); a formosa impressão das *Cartas de Japan* (2 vols., 1598); entre centenas de preciosidades doutras épocas, tais como a *Vita Christi*.

Da Bibliotheca do Porto bastará dizer que é a maior bibliotheca municipal da Europa. É riquissima: citarei apenas os códices oriundos do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; o inenarrável *Constituições do bispado do Porto*; o famoso códice illuminado da *Corte Imperial*; a *Vida de D. Telo*; o manuscrito autógráfo da traducção que Damião de Góis fez do *De Senectute* de Cícero.

É precioso o recheio bibliográfico da Bibliotheca Pública de Braga; para não alongar demasiadamente este artigo, lembrei que ella possui o manuscrito da *História da Etiópia*, de Pero Pais, e uma valiosissima collecção de cartas annua dos missionários da Abissínia de 1607 a 1653; além de vasta e ainda não bem aproveitada seara medieval.

Não quero deixar de referir a Bibliotheca de Viseu, onde se encontra um dos melhores manuscritos da *Virtuosa Benfiteoria* e a de Aveiro, que possui, entre outras maravilhas, o códice quinhentista do *Memorial da Infanta Santa Joana*.

Como se vê, tenho particularizado o fundo antigo, ou fontes indispensáveis para os filólogos. Mas isto não significa que as bibliothecas portuguezas não estejam a par das últimas publicações scientificas. Pelo contrário: até as pequenas instituições do interior recebem, periódicamente, as revistas e livros que se vão editando em Europa e nos Estados Unidos.

Os estudantes de letras, porém, não precisam recorrer às bibliothecas públicas. É modelar a bibliotheca das Faculdades. A de Lisboa, já por si preciosa e actualizada, enriqueceu-se há poucos anos com a copiosa litteraria de José Leite de Vasconcelos.

Com que emoção percorri, livro a livro, revista a revista, a preciosa collecção do grande homem para quem a vida portugueza não tinha segredos! Era-lhe insaciável a curiosidade científica, inata a preocupação de ler tudo, saber tudo, e, se possível, escrever tudo.

A actividade do Dr. José Leite é assombrosa: perlustrou, com os olhos de linco, quase todos os sectores da ethnographia portugueza. E sempre novo, sempre inigualável sabedor, sempre cheio de "sotaque" português.

Ao sentir-lhe a sombra e ao perscrutar-lhe o esforço enorme, pareceu-me que ele, nos fins do século XIX e princípios do XX, se pôs a viajar por toda a terra portugueza pregando o "evangelho da Pátria".

Felizes os estudantes de Lisboa, que podem dispor de tão alto exemplo, tão forte estímulo!

A bibliotheca da Faculdade de Letras de Coimbra não é menos importante. Além do seu recheio próprio, tem, anexo, o *Instituto D. Carolina Michaëlis*, que encerra os livros outros pertencentes à Mestra.

Que admirável método e sábio cuidado elles revelam! Em todos a fina letra de D. Carolina após correções, acrescentos, censuras ou aplausos! Com que concentrada attenção lia!

Ao vê-los e manuseá-los — síntese de cinquenta anos de aturada pesquisa — não pude deixar de lembrar que Menéndez y Pelayo chamou a D. Carolina fada benfazeja...

Felizes os estudantes de Coimbra, que vivem sob o signo de tão alta inspiração.

Merece ainda referência muito especial o *Centro de Estudos Filológicos*, instalado em Lisboa, mas dirigido por uma Comissão nissipo-coimbrã. Trata-se de riquíssima biblioteca especializada cuja fundação data de há muito pouco tempo: 1932.

Apesar disso, é assombrosa a sua riqueza. Lá encontrarei não só todos os grandes livros de Filologia Românica, que eu conhecia, como verdadeiras novidades.

Os professores portugueses têm, frequentemente, oportunidade de aperfeiçoar, lá fora, os seus conhecimentos. Escusado será frisar as vantagens e benefícios que daí decorrem: não só os mestres apuram suas técnicas, como se estabelecem relações pessoais amistosas entre eles e os grandes nomes de França, Inglaterra, Itália e Alemanha.

Assim, quando chegam às cátedras, já possuem, a par de vasto tirocínio científico, a experiência das grandes universidades do mundo...

Para só dar poucos exemplos (e tirados à nossa especialidade) lembrarei que o Dr. Paiva Boléo esteve em Hamburgo, o Dr. Gonçalves Rodrigues esteve lá e em Londres, o Dr. Lopes de Almeida esteve em Hamburgo, o Dr. Paulo Quintela esteve em Berlim, o Dr. Pimpão esteve em França.

Recentemente se criou um órgão para coordenar essas bolsas de estudo. Trata-se do *Instituto para a Alta Cultura*, de carácter inteiramente apolítico.

Suas actividades, que se estendem por todos os ramos do saber, consistem em bolsas de estudo e em subsídios para edições de obras de ciência pura.

Quero dar somente três exemplos, apanhados ao meu campo de estudos:

O Instituto proporcionou aos Profs. Lopes d'Almeida e Pimpão a ida à Espanha, a fim de microfilmarem manuscritos portugueses, ou respeitantes a Portugal.

Devemos-lhe a formosa edição que a Prof. Dorotéa Grobenberger levou a cabo, da *Menina e Moça*: trata-se do texto da ed. de Ferrara, com as variantes das ed. de Colónia e Évora, e do manuscrito de Madrid.

O jovem e futuro licenciado Luiz Felipe Lindley Cirtra foi agraciado com uma bolsa de estudos, por três anos, a fim de preparar a edição crítica da *Crónica Geral de Espanha*.

Como se vê, trata-se de uma instituição mecenática.

Em Coimbra (sempre em Coimbra!) há, nesse sentido, duas preciosas organizações.

O *Fundo Sá Pinto* distribui bolsas: graças a ele o Prof. Boléo, em 1945, pôde ir à Suíça estudar, com Jaberg e Jind, a técnica dos Atlas Linguísticos e graças a ele pôde o Instituto de Estudos Brasileiros publicar um catálogo dos numerosíssimos manuscritos respeitantes ao Brasil existentes na Biblioteca da Ajuda.

A Universidade, bem que já não possua a Imprensa (que tão bons serviços prestou!) goza de um subsídio para publicações. Ainda recentemente publicou os *Estudos sobre a Cultura Portuguesa* (Dr. Joaquim de Carvalho) e a edição crítica do texto medieval da trad. do *De officiis* (J. M. Piel).

É sabido que para o desenvolvimento da Ciência são indispensáveis as revistas especializadas.

Com a morte do Dr. Leite de Vasconcelos, seu fundador, é provável que se suspenda a publicação da *Revista Lusitana*, mas, ainda assim, há as seguintes publicações periódicas:

I — *Bollos*. É o órgão da Faculdade de Letras de Coimbra

II — *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*.